

António Aniceto Monteiro: um representante notável de uma geração privilegiada e perseguida!



Por: Maria do Carmo Martins
Professora do Departamento de Matemática
da Universidade dos Açores
mika@uac.pt

Esta semana é marcada pelo retorno às aulas! Em grande parte dos estabelecimentos de ensino assinala-se a abertura solene do ano letivo 2014/2015. Penso que estamos todos entusiasmados com mais um ano de trabalho e de estudo intensivos! Votos de um bom ano de trabalho.

A propósito de uma palestra que proferi no 1º Encontro Regional de Professores de Matemática, realizado na Escola Básica 2/3 dos Ginetes nos dias 4 e 5 deste mês, falei de António Aniceto Monteiro (1907-1980). Dois pormenores a salientar: (1) congratulo, uma vez mais, a escola e a comissão organizadora pela iniciativa em promover e divulgar a Matemática de forma apelativa e interessante; (2) fez-me recordar a vida e obra de António Aniceto Monteiro, que foi um dos maiores matemáticos portugueses e, paradoxalmente, um dos menos conhecidos em Portugal. Graças ao regime salazarista viveu exilado no Brasil e na Argentina, contribuindo decisivamente para o desenvolvimento da matemática naqueles países.

António Aniceto Ribeiro Monteiro era filho de António Ribeiro Monteiro e de Maria Joana Lino Figueiredo da Silva Monteiro. O pai era Alferes do batalhão n.º 5 dos Caçadores d'El-Rei. Nos dois primeiros anos de casamento foram abençoados pelo nascimento de Maria Petronila (1906) e António Aniceto a 31 de maio de 1907 na freguesia de Santo Adrião de Mossâmedes, (Angola). Os oito primeiros anos da sua vida foram vividos em cenário de guerra, a mesma guerra que mataria o seu pai.

Em 1915 Maria Joana e os filhos regressam a Lisboa. António Aniceto concluiu o exame de instrução primária do segundo grau em 1917 e frequentou o Colégio Militar entre 1917 e 1925. Tal como a maioria dos rapazes da sua idade, era alegre, irrequieto e chegou a ser castigado por fumar, hábito que não largou a vida inteira. Não era um aluno brilhante e chegou mesmo a reprovar no 4.º ano. Ninguém adivinhava que ele se tornasse um matemático internacionalmente conhecido. Contudo, a alcunha de “menino da Luz” (denominação atribuída aos alunos do Colégio Militar devido à sua localização) iria revelar-se num bom prenúncio.

A revelação da sua extraordinária aptidão para o estudo e a investigação ocorreu já na Universidade quando Pedro José da Cunha, professor de Cálculo Diferencial, Integral e das Variações, passou um problema para cada aluno resolver livre e isoladamente em casa. Depois da apreciação, o professor destacou de modo relevante o trabalho de Aniceto, cuja

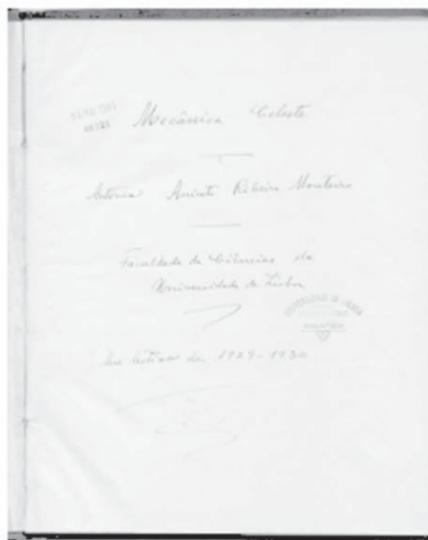


existência até aí nem tinha notado... De um dia para o outro Aniceto passou de *cabulazinho* a aluno brilhante, por quem o professor não mais deixou de “puxar”.

António Aniceto casou-se em 29 de julho de 1929, em Lisboa, com Lídia Marina de Faria Torres, também natural de Mossâmedes. Deste casamento nasceram dois filhos: António (1934) e Luiz (1936).

Concluída a Licenciatura em Ciências Matemáticas, na Faculdade de Ciências de Lisboa, em 1930, foi como bolsheiro da Junta de Educação Nacional (futuro Instituto para a Alta Cultura) que se doutorou na Universidade de Sorbonne em Paris em 1936, sob a orientação de Maurice Fréchet, com uma tese intitulada *Sur l'additivité des noyaux de Fredholm*.

Quando regressou a Portugal fundou, com vários colegas, o Núcleo de Matemática, Física e Química que promoveu vários cursos, conferências e publicações. No ano seguinte, fundou a revista *Portugaliae Mathematica*, com a cooperação de Hugo Ribeiro, Silva Paulo e Zaluar Nunes. No primeiro volume dessa revista, datado de 1937, António Aniceto publica a sua tese de doutoramento. Em 1939 cria o Seminário de Análise Geral, que começa a funcionar numa sala da Faculdade de Ciências de Lisboa e depois no Centro de Estudos Matemáticos de Lisboa, dirigido pelo professor Pedro José da Cunha. O objetivo deste Seminário era “iniciar um grupo de jovens no estudo das matemáticas modernas.” Deste grupo destacou-se Hugo



Ribeiro e Sebastião e Silva. Em 1940 funda a Sociedade Portuguesa de Matemática, da qual é eleito secretário-geral e nesse mesmo ano a revista *Gazeta de Matemática*, juntamente com Bento Caraça, José da Silva Paulo, Hugo Ribeiro e Manuel Zaluar Nunes. Essa revista pretendia ser “um instrumento de trabalho e um guia para os estudantes de Matemática das escolas superiores portuguesas...”

Toda esta atividade e efervescência tiveram repercussões não só na Faculdade de Ciências de Lisboa como na Faculdade de Ciências do Porto. Esta última, por iniciativa de Ruy Luís Gomes, convidou António Aniceto para uma série de conferências e lições sobre temas da matemática que estava em voga e outros contactos. Destas profícuas colaborações resulta, em 1941, a criação do Centro de Estudos Matemáticos do Porto e em 1943 a Junta de Investigação Matemática, aos quais António Aniceto dá uma colaboração decisiva. Desta passagem pelo Porto, resultaram os “Cadernos de Análise Geral”, compreendendo cerca de vinte monografias baseadas em cursos, colóquios e lições realizados em domínios fundamentais, como *Álgebra Moderna* (dirigido por António Almeida Costa), *Topologia Geral* (António Monteiro), *Teoria da Medida e Integração* (Ruy Luís Gomes), *Geometria das Distâncias* (Aureliano de Mira Fernandes) e *Teoria das Estruturas e Problemas dos Fundamentos* (Hugo Ribeiro).

Entre 1938 e 1943, António Aniceto

vive de lições particulares, de um trabalho remunerado no Serviço de Inventariação da Bibliografia Científica e de uma dotação aquando da sua estada no Porto. A universidade portuguesa fechava-lhe as portas, devido ao Fascismo. A perseguição a António Aniceto foi desencadeada quando, no seu regresso a Portugal, depois do doutoramento, se recusou a assinar um documento de aceitação das políticas vigentes (o Governo exigia que as pessoas assinassem um compromisso de fidelidade à Constituição de 1933 e assumissem não seguir os ideais comunistas). A ditadura convivia mal com o conhecimento e a ciência enquanto instrumentos libertadores da mente. Era mais fácil manipular um povo ignorante e analfabeto, do que combater ideologias que colocariam o regime em perigo. Sem a assinatura deste documento, António Aniceto não poderia lecionar no nosso país. Fiel aos seus princípios abandonou Portugal.

Em 1945 António Aniceto parte para o Rio de Janeiro, onde a Universidade de Filosofia do Brasil o convida para a cátedra de Análise Superior, sob recomendação de Albert Einstein, John von Neumann e Guido Beck, três brilhantes cientistas do Século XX. Mas, passados quatro anos, o Brasil também não o deixou lá ficar, e António Aniceto é sujeito a um segundo exílio. Devido a pressões políticas, exercidas pela embaixada de Portugal no Rio, o contrato académico de Monteiro não é renovado. De novo é forçado a partir. Desta vez instala-se na Argentina, trabalhando primeiro na Universidade de Cuyo e em 1957 acaba por se fixar definitivamente na Universidade do Sul, em Bahia Blanca. Nesta, um dos seus grandes objetivos será a criação de uma biblioteca de matemática de nível internacional para a investigação em matemática. Esta biblioteca, que hoje tem o seu nome, continua a ser uma das melhores de toda a América Latina.

Mas o destino reservou-lhe, ironicamente, outro exílio não menos doloroso que os anteriores. Em 1975, invocando as medidas antiterroristas que estavam a ser tomadas pela ditadura argentina contra a “subversão”, o reitor proibiu Monteiro, que já estava reformado mas ainda em atividade, de entrar na Universidade e na biblioteca que ele próprio tinha criado.

A sua atividade nestes países é relatada no vol. 39 (1980) da *Portugaliae Mathematica*, que lhe é dedicado, e aí publica o seu último trabalho, a memória *Sur les Algèbres de Heyting Symétriques*, premiada em 1978 pela Fundação Calouste Gulbenkian e redigida durante a sua única estada em Portugal (1977-79) depois do exílio.

A obra científica de António Aniceto encerra mais de 50 trabalhos de investigação, na sua maioria sobre álgebras de lógicas não clássicas. Neste tópico António Aniceto foi um dos pioneiros e ganhou uma considerável reputação internacional, para além de muitos discípulos. No panorama matemático, a sua produtividade é um caso ímpar. Modelo de uma infinita generosidade e coragem na valorização e na defesa da Ciência e do Conhecimento, faleceu em Bahia Blanca, na Argentina, em 29 de outubro de 1980.